



SECRETARIA DA FAZENDA

Secretário: Affonso Celso Pastore

COORDENAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO TRIBUTÁRIA — Coordenador: Guilherme Graciano Gallo

TRIBUNAL DE IMPOSTOS E TAXAS

Presidente: Jamil Zantut

Representante Fiscal-Chefe: Sylvio Vitelli Mamho

Vice-Presidente: Roberto Pinheiro Lucas

Diretor: Lauro Ribeiro de Azevedo Vasconcelos Filho

BOLETIM TIT

Editado sob a responsabilidade do Tribunal de Impostos e Taxas do Estado de São Paulo

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Armando Casimiro Costa — Alvaro Reis Laranjeira
— Claudinet Chamas

ANO VII — N.º 107

13 de setembro — 1980

JAMIL ZANTUT

ECONOMISTA DO ANO DE 1979

Em sessão solene, realizada aos 14.8.80 no auditório da Ordem dos Economistas de São Paulo, o economista e jurista Jamil Zantut, atual Presidente deste Tribunal, recebeu o título de Economista do Ano de 1979.

O Tribunal de Impostos e Taxas, em sessão de Câmaras Reunidas realizada aos 18.8.80, prestou sua homenagem ao agraciado, pelas vozes dos Drs. Heitor Mayer e Cesar Machado Scartezini, propondo ambos que o texto do discurso proferido, naquela oportunidade, pelo Dr. Jamil Zantut, fosse inserido na Ata da Sessão.

A seguir, o Dr. Armando Casimiro Costa, usando da palavra, propôs que o referido texto fosse, também, publicado no Boletim TIT.

Ambas as proposições foram aprovadas, à unanimidade, pelo Plenário.

Eis, pois, a íntegra do discurso:

“Não posso negar a satisfação que se apossa de mim. Ela é incontida por premiamento que se me afigura exagerado. Se posso merecer de minha classe alguma distinção, confesso, não almejava a tanto se chegasse. Põe-se a laurea que hoje recebo, consagração que partilho com minha querida esposa, meus filhos, que tanto me enriquecem, e meus amigos, muitos aqui presentes, que formam estímulo no quanto persigo na constante luta que a vida oferece.

No momento em que sou proclamado, por concessão da respeitável e prestigiada Ordem dos Economistas de São Paulo, “Economista do ano de 1979”, alinhando-me, assim — e grande é o envaidecimento de que sou tomado —, aqueles que, indubitavelmente, tanto valorizam esse mesmo título, os já Economistas do Ano Milton Improta, Raul Prebisch, Celso Furtado, Vespasiano Consiglio, Roberto de Oliveira Campos, Antônio Delfim Netto, Mário Henrique Simonsen, José Flávio Pécora, Carlos Antônio Rocca, Miguel Colasuonno, Lauro Natel, Nelson Gomes Teixeira, Affonso Celso Pastore e Nello Ferrentini, creio devo exprimir-me, pelo alto propósito da oportunidade, aos economistas das novas gerações, que têm a responsabilidade de fazer a economia, no sentido dinâmico da preservação ou aumento da riqueza, com vistas sempre ao desfazimento do desequilíbrio social, para o equilíbrio da conjuntura sócio-econômica.

Na plenitude de nossa vivência na economia, no ocaso de nossas atividades nos órgãos de classe dos economistas e no auge do amadurecimento às experiências, sei imos que podemos dizer, quando estamos a receber tão consagrador galardão, uma palavra de estímulo e reflexão aos colegas que muito têm a caminhar, a dar, a produzir, a construir, no sentido de que sejam profissionais dignos da ciência que cultivam.

A economia não é arma de justificação; sim, forma de ajuste ou desajuste social e, na dinâmica de sua composição, determinante até mesmo do Direito.

Eis que o econômico dita o social e o desajuste daquele se reflete inexoravelmente neste. Mesmo a política, que outrora se punha como determinante do sistema econômico, hoje se reflete pela Economia. Disparatada esta, tudo o mais se desequilibra por via de consequência.

Fis quanto grande a responsabilidade dos Economistas. E só com muito preparo, a assunção plena dessa responsabilidade.

É, assim, portanto, jovens colegas, que os conclamo ao estudo permanente, que os aprimora, os especializa, os prepara, inclusive à sua própria disseminação, única forma de lastrear o seu intelecto à racional e justa aplicabilidade da ciência que manipula o mundo: a Economia.

Não se aceita no mundo moderno a mediocridade, a mistificação intelectual, os rasgos de momentâneo euforismo, mas a certeza, o ajuste, o resultado, não por via de consequência, mas na determinante da linha científica e do próprio progresso técnico, em concepção conjuntural.

Necessário, inclusive, científicas e tecnicar e convívio com os próprios desajustes socio-político-econômicos, na formulação da praticidade da ciência.